

## De Calibana Próspero: uma nova leitura política de Shakespeare

Dr. Elias Nazareno

(FH – UFG)

MsC. Ludimila Stival Cardoso

(FH – UFG)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é abordar possibilidades de uso da dicotomia Próspero-Caliban, desde a peça que lhes deu origem até visões pós-coloniais e, principalmente, decoloniais. Tais usos ou releituras são feitas por autores pós-coloniais que reavaliam questões importantes como as práticas discursivas, mas limitados por desejar falar pelo Outro, não permitindo a construção de espaços reais de práticas de leitura alternativas. Por isso caminhamos mais adiante até a perspectiva decolonial e a “ecologia de saberes” de Boaventura de Sousa Santos.

**Palavras-Chaves:** Próspero – Caliban – Brasil – identidade nacional – política exterior.

**ABSTRACT:** The objective of this study is to discuss possible applications of the Prospero-Caliban dichotomy, from the time period of the Shakespearean play in which it originated, to both post-colonial and decolonial viewpoints. Revisiting William Shakespeare's "The Tempest," with its Prospero and Caliban characters, opens the door to answers. Re-readings by post-colonial authors allow small opportunity for alternate viewpoints. So we step beyond, into the decolonial perspective and the "ecologies of knowledges" of Boaventura de Sousa Santos.

**Key Words:** Prospero – Caliban – Brazil – national identity – foreign policy.

Este artigo representa parte de uma discussão que se faz em uma tese de doutorado, que está em processo de elaboração, atuando como uma metáfora ou o mote para um debate ainda mais extenso sobre a política externa brasileira e, particularmente, o processo, denominado por Mignolo (2011), de deocidentalização do Estado brasileiro no governo Lula.

Resolvemos assim trabalhar por entender que essas personagens de Shakespeare nos ajudam a questionar a ação dicotômica do Brasil, um Caliban em sua política interna, a chamada síndrome do Cachorro Vira-Lata, reproduzindo sentimentos e realidades como o atraso e a inferioridade. E, ao mesmo tempo, no âmbito externo, atua como uma potência regional, sobretudo na América do Sul e em alguns temas de dimensão mundial como o combate à fome e à miséria, e a problemática ambiental.

Isto nos levou a revitar esse par dicotômico da obra *A Tempestade*, agregando novas visões e outras personagens, no sentido de entender como se processou tal construção e levantando aspectos para questioná-la, para, dessa forma, conseguirmos propor uma releitura que enxergue novas formas de agir que quebrem a lógica da inferiorização do Caliban, sobretudo considerando-se a perspectiva de Boaventura de Souza Santos, “ecologia dos saberes” e, a interculturalidade, advogada por autores como Catherine Walsh.

## A HISTÓRIA DE CALIBAN E PRÓSPERO

*Está na hora do meu jantar. Esta ilha é minha; herdei-a de Sicorax, a minha mãe. Roubaste-ma; adulavas-me, quando aqui chegaste; fazias-me carícias e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam. Naquele tempo, tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril... Seja eu maldito por havê-lo feito! Que em cima de vós caia quanto tinha de encantos Sicorax: besouros, sapos e morcegos.*

[...]

*A falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. (A Tempestade, William Shakespeare, Ato I, Cena 2).*

Esse trecho acima representa duas falas de Caliban, personagem da peça de William Shakespeare, intitulada **A Tempestade** que, segundo Medeiros (2011), foi a última obra do dramaturgo inglês, realizada no ano de 1611, dividida em cinco atos, os quais narram uma história “de vingança, de amor, de reconciliação” (p. 01).

Shakespeare narra, nessa peça, prossegue Medeiros (2011), uma história centrada em três personagens: Próspero, Ariel e Caliban. O primeiro seria Duque de Milão, o segundo um espírito etéreo e, o último, um escravo de aparência degradante. Os três passam a conviver quando Próspero é expulso de sua cidade juntamente com a filha Miranda, em função de um golpe de seu irmão, Antônio.

Colocado num barco e atracando em uma ilha, aparentemente, deserta, já habitada antes pela feiticeira Sicorax, Próspero subjuga os espíritos que a

feiticeira havia aprisionado, entre eles, Ariel, obediente ao Duque, que o submete em razão dos poderes que ele tem de se transformar em água, ar e fogo. Assim também faz com Caliban, filho da feiticeira, único habitante humano de fato da ilha, transformando-o em escravo. Convivem essas quatro personagens por doze anos, até que, num certo momento, Próspero descobre que seus antigos inimigos estaria em viagem e passariam próximos à ilha.

Próspero, então, ordena a Ariel que provoque o naufrágio da embarcação e traga todos para a ilha, pois gostaria de levá-los ao desequilíbrio mental. Ele consegue seu intento, sobretudo com Antônio. Alonso se arrepende, Miranda e Fernando se apaixonam e o Duque se reconcilia com todos e retorna à sua cidade, mas antes liberta Ariel como havia prometido, o que não disse a Caliban porquanto este sempre se colocou em posição de revolta e desafio da sua condição de escravo.

Essa obra de Shakespeare tem sido, demonstram Campos (2001) e Lara (2007), reapropriada por diversos intelectuais, principalmente os que se dedicam à discussão do colonial e pós-colonial, isto porque a dicotomia Próspero-Caliban seria, na interpretação desses autores, a representação do relacionamento colonizador e colonizado, com Próspero sendo o colonizador e Caliban, o colonizado que se revolta.

A revolta de Caliban é exemplificada por sua fala transcrita no início, sobretudo, argumenta Campos (2001), quando ele diz que a vantagem de saber a linguagem de Próspero é poder amaldiçoá-lo com a “peste vermelha”, fala esta que muitos intelectuais, especialmente latino-americanos – Roberto Fernández Retamar, Aimé Césaire – passaram a utilizar como emblemas para suas lutas sociais, sobretudo, explica Lara (2007), como uma forma de desafiar o poder eurocêntrico.

Esse tipo de uso acaba lançando a um segundo plano personagens como Sicorax, vista apenas como uma feiticeira, mãe de Caliban, sem nenhuma participação mais ativa na peça, o que seria o mesmo que, utilizando a perspectiva de Lara (2007), marginalizar Sicorax, racializar e sexualizar a discriminação, confirmando os discursos dominantes, entre eles o patriarcal.

A Sicorax de Irene Lara corrobora o texto de Spivak, **Pode o subalterno falar?**, de 2010, em que a autora argumenta, entre outras questões, que o

subalterno feminino está em grande obscuridade, já que a construção da categoria gênero, segundo ela, mantém a dominação masculina, mesmo quando se fala do sujeito colonial que se revolta contra o colonizador, pois se refere a uma dominação masculina.

Por isso, Lara (2007), propõe tornar Sicorax uma ausência presente na imaginação, como forma de quebrar esses discursos, de desenvolver o imaginário decolonial, já que ouvi-la seria, para essa autora, uma forma de desafiar o monolinguismo e o monoculturalismo praticado pelos grupos dominantes, que controlam a narrativa da história e, portanto, segundo Chacon (2005), a própria história, ao menos, a história oficial.

. Tem-se assim, de um lado, “as tentativas do dominador de silenciar a versão do subalterno” e de outro as estratégias do subalterno “para desmascarar a versão dominante que se pretende fixar como verdadeira” (CARVALHO, 2001, p. 126), que nos ajuda a repensar desde uma perspectiva decolonial, a qual tomamos parte, a peça de Shakespeare não mais, apenas, na dicotomia Próspero-Caliban, mas integrando Sicorax, o que amplia nosso olhar.

Pretendemos, assim fazer parte de toda essa tradição intelectual de releitura da peça **A Tempestade**, a partir de uma perspectiva que pode ser caracterizada como simbólica, vendo o Caliban, colocam Vaughan e Vaughan (1991), pelo que ele pode representar ao estudo, ou seja, faz-se o que Almquist (2006) chama de “flexibilidade caliban”, em que o Caliban acaba sendo uma projeção dos desejos de quem o estuda.

Essa personagem e as demais da peça, contudo, prestaram-se a diferentes interpretações que vão desde, como narra Campos (2001), Caliban representar o opressor – domínio dos Estados Unidos – com o jornalista Rubén Dario, passando por Ernest Renan em 1878, quando Caliban representa o povo que conspira contra o Próspero e o vence; indo a José Enrique Rodó com seu Caliban, representante do pragmatismo e vícios dos Estados Unidos.

É possível, ainda, encontrar referências ao Caliban, de acordo com Campos (2001), em **Caliban Parle** (1928), de Jean Guéhenno e; **Humanismo burguês y humanismo proletário** (1938) de Aníbal Ponce, em que Caliban é identificado com o povo explorado, mudança que tem início, narra a mesma

autora, “quando os intelectuais da América Latina começaram a valorizar mais suas heranças indígenas e a dar voz a um sentimento nacionalista que clamava por independência” (p. 91).

Entre os autores que colaboraram com essa mudança estão: Octave Mannoni, George Lamming, Aimé Césaire, Roberto Fernández Retamar, entre outros.

Octave Mannoni escreveu em 1948, explica Lane (2002), obra intitulada **La psychologie de la colonization**, em que o colonizado possuiria o “complexo de dependência”, inato a todos e; o colonizador o “complexo de inferioridade”, presente nos que não conseguem superar o primeiro complexo e se vêem compelidos a dominar. Para Mannoni, segundo Lane (2002), essa relação se daria por uma “falha na adaptação” (p. 136), implicando uma patologia e, ao mesmo tempo, algo que é latente mesmo antes da colonização. Essa perspectiva foi criticada por Frantz Fanon em **Black Skin, White Masks** (1952).

Tal crítica se faz porque, para Fanon (1956), o racismo é um elemento do conjunto que forma a opressão sistemática de um povo, que começaria pela afirmação maciça, por parte do dominante, de sua superioridade, desumanizando o outro grupo, o que produz, para ele, o complexo de culpabilidade. Ao mesmo tempo em que esse racismo nunca é algo oculto, inconsciente, não sendo também uma disposição do espírito, algo psicológico, como argumentava Mannoni.

O racismo é, poderíamos dizer, um elemento constitutivo da economia mundo capitalista e tem como objetivo, segundo Wallerstein (2000), “manter as pessoas dentro do sistema, mas com o estatuto de [...] seres inferiores passíveis de serem exploradas economicamente e usadas como bodes-expiatórios políticos” (p. 13).

Ao mesmo tempo, a questão do racismo e essa ideia de inferiorização do Outro faz parte do que Quijano (2005) chama de Novo Padrão de Poder, baseado em dois eixos principais. O primeiro seria o de estabelecer a diferença entre conquistados e conquistadores a partir da noção de raça, naturalizando a inferioridade por meio de uma estrutura biológica diferente, como faz o racismo. O outro eixo seria “a articulação de todas as formas históricas de controle do

trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial” (p. 227).

Esse segundo eixo, segundo Quijano (2005), vai incluir a escravidão, a servidão, a produção mercantil, não como simples extensões ou continuações de momentos anteriores, mas dentro de uma nova realidade histórica e sociológica, em que estavam organizadas para produzir para o mercado mundial, articuladas entre si e com o capital em uma situação de dependência histórico-estrutural, que vai gerar o capitalismo mundial.

Impõe-se, pela conjugação desses dois elementos, de acordo com o pensamento de Quijano (2005), uma divisão racial do trabalho, que se manteve ao longo do período colonial e que representava a sistemática de que aos colonizados estava reservado o trabalho não pago, em razão de sua natural inferioridade. Conseqüentemente, aos brancos destinava o trabalho remunerado, o que explica, ainda para Quijano (2005), os menores salários das “raças inferiores” – mestiços, índios e negros – em relação à mesma atividade desenvolvida por “brancos” nos centros capitalistas mundiais, diferença que só pode ser entendida dentro da dinâmica, do que esse autor chama de “colonialidade do poder capitalista mundial” (p. 230).

Toda essa discussão de Quijano demonstra a construção de pares dicotômicos: inferiores X superiores, tal qual a noção de próspero e caliban, sobre o qual estamos discorrendo e revisitando em diferentes autores como George Lamming que, por sua vez, esclarece Campos (2001), escreveu **The Pleasures of Exile** (1960), quando o Caribe Britânico ainda era domínio inglês, pensando o Caliban como o escravo negro – que também possui traços do índio caribenho – levado ao Caribe, que foi, para Lara (2007), colonizado, exilado de suas raízes e cultura e, limitado em suas realizações pela língua do colonizador.

Lamming, segundo Almquist (2006), inverte o relacionamento colonial constituído pela língua, mostrando que esta é “a prisão do presente do Próspero” (p. 591), mas um presente controverso, pois permitiria ao Caliban uma revolta futura, construindo sua própria ameaça, ao invés de um instrumento útil.

Outro autor é Aimé Césaire que, em 1969, escreveu a peça **A tempestade, Adaptação para um Teatro Negro**, onde, conforme Lara (2007), desafia a língua colonial do colonizador a partir de uma releitura crítica que coloca Caliban como um escravo negro, esquecendo-se ou marginalizando “thevoicesandbodiesofother non-male ‘rebels’ ” (p. 87)<sup>1</sup>, corroborando com a “obscuridade” de que fala Spivak, acerca da mulher subalterna, sobretudo por transformar Sycorax em uma protagonista com poder espiritual – Eshu (Exu) – contrapondo-a ao poder de Próspero – “magia branca” – e denominando “magia negra” – assim como fez Shakespeare quando associou a origem de seus poderes ao norte da África.

Além disso, Césaire, critica Almquist (2006), teria desconsiderado o indígena – assim como ocorreu na peça original –, africanizando a peça de Shakespeare com o uso da expressão “*Uhuru!*”, que seria essencial a Césaire já que estaria dando voz ao Caliban, mas um Caliban que não é nativo, mas trazido pelo colonizador, daí a noção de diáspora e a formulação do conceito de negritude, entendida como a afirmação da identidade negra e seu orgulho.

Essa perspectiva de Césaire fez com que ele, juntamente com Frantz Fanon e Eric Williams, fosse, já em 1992, apontado por Peter Hulme como precursor do trabalho de Edward Said, **Orientalismo**, embora Said trabalhe com o Oriente. Isto porque, explica Hulme (1992), a análise de Said apresentava elementos já perceptíveis nos estudos caribenhos sobre a representação colonial, ou seja, haveria uma grande similaridade entre esses autores.

Hulme (1992) também percebe aproximação entre esses autores e os ensaios de Roberto Fernández Retamar, escritor cubano, sobretudo os do final dos anos 1960 e início dos 1970, apresentando temas semelhantes, mesmo trabalhando em contexto diferente: a Revolução Cubana.

Retamar publicou em 1971 na revista Casa de las Américas o artigo **Caliban**, que chegou ao Brasil apenas em 1988, onde, segundo Kalil (2007) e Almquist (2006), propõe repensar a condição do latino-americano, emprestando à personagem Calibana função de ser “nosso símbolo”, por ser a melhor forma de representar a experiência do “Novo Mundo”, com o colonizado perdendo sua liberdade e língua. O autor segue, diz Kalil (2007), as trilhas de

Simon Bolívar e José Martí, negando, ao mesmo tempo, o protagonismo de Ariel, perspectiva de Rodó, e analisando a dicotomia Próspero-Caliban.

Argumenta Lara (2007), entretanto, mesmo que o Caliban atue como queria Retamar, ele o faz, apoiando-se na perspectiva de Spivak (2010), por meio de uma subjetividade contida e mediada pelos limites estabelecidos pela língua do colonizador para reforçar o discurso hegemônico.

Ou seja, mesmo que aja resistindo à dominação colonial, o Caliban age dentro de limites impostos por quem domina, até porque, para Spivak (2010), o subalterno não pode falar, no sentido de que, esclarece Sandra Regina Goulart Almeida, prefaciadora da obra **Pode o subalterno falar**, não há processo dialógico na fala do subalterno, o que o impede de se autorrepresentar, já que sua fala é sempre intermediada pelo Outro, daí não ser ouvido. Isso não quer dizer que ele use o discurso hegemônico para se representar, mas que o Outro é que o representa, fala por ele.

A incapacidade de fala do subalterno leva ao que Spivak (2010) chama de violência epistêmica, presente no projeto de construção do sujeito colonial como o Outro, um sujeito que tem seus rastros apagados, assim como sua história, no mesmo sentido das “linhas abissais” de Boaventura de Sousa Santos (2010), no qual, segundo o autor, se baseia o pensamento moderno ocidental e que consiste em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, que divide a realidade em duas linhas radicais: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”.

Exclui-se, desse modo, “o outro lado” da capacidade de existir, ou seja, “o outro lado da linha” passa a não existir, “sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível” (p. 32). Isso porque, prossegue Santos (2010), o pensamento abissal se caracteriza pela impossibilidade de copresença dos dois lados. O que significa a “própria negação da natureza humana de seus agentes” (p. 37), relegando-os à impossibilidade de existir, ou quando muito reconhecendo sua existência como algo perdido no passado, portanto, negando-os a contemporaneidade.

Nessa mesma linha de releitura de **A Tempestade** tem-se, ainda, Richard Morse, em **Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas**, publicada no México em 1982 e no Brasil em 1988.

Nesse livro, segundo Monteiro (2009), Morse faz um diagnóstico letal sobre a sociedade formada na América do Norte, em contraposição à qual se formaria na parte sul, na América de raízes ibéricas, isto porque o autor aposta “em um modelo de civilização em que o indivíduo não se fecha sobre si mesmo, sobre seus afazeres, seu sucesso individual e seus tormentos interiores jamais exprimíveis ou publicáveis”, valorizando uma sociedade inversa a tudo o que é fundamental aos Estados Unidos: “a ética do sucesso individual e da interiorização e privatização dos sentimentos” (p. 358).

Pensamos, pois, autores como Morse, Retamar e outros a partir de Aimé Césaire como pertencentes ao campo intelectual pós-colonial, assim como Nadia Lie (2003) faz com os textos de Retamar, ligando-os a imagens de resistência e oposição.

O campo pós-colonial, de que fala Nadia Lie, pode ser entendido, explica Santos (2006), não apenas como o período histórico que sucede à independência das colônias, mas também “[...] um conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que desconstruem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (p. 233).

Para Almquist (2006), contudo, não basta apenas substituir textos que advogam pela primazia e supremacia do Ocidente, por contra-discursos, é necessário modificar as práticas discursivas e os pressupostos que as sustentam e, assim, até mesmo formas culturais em que esses discursos hegemônicos se institucionalizam. Cabe, dessa forma, mais que trocar uns textos por outros, é necessário construir práticas de leitura alternativas.

Por isso nos propomos ir além do pensamento pós-colonial, seguindo proposta de Grosfoguel (2008), de se dar uma “intervenção decolonial” nessa corrente teórica, pois temos a noção de que nossa tese vai além de desconstruir discursos ou da perspectiva cultural, ligando-se também à realidade político-econômica, o que nos leva ao caminho decolonial no sentido de permitir, por meio do diálogo intercultural, a fala do subalterno e, assim, reconstruir a noção de identidade no Brasil, agregando a ela o agir indígena, e a atuação de afro-descendentes e portugueses na leitura que se faz de Brasil.

Utilizamos, assim, a dicotomia Próspero-Caliban, não como centro de nossa pesquisa, mas como metáfora de nossa condição como um Caliban, um colonizado e, no caso das releituras, um Caliban que se revolta contra o domínio. Ou poderíamos dizer que em vez de revolta procuramos o caminho da assimilação? E então seríamos o Ariel? Isso só o tempo e as pesquisas dirão, cabe agora apenas dizer que fomos o Caliban/Ariel e construímos, supomos, nossa identidade a partir dessa ideia. E, ao mesmo tempo, podemos ser Prósperos levando em consideração nosso agir externo, relacionado, por exemplo, a África ou a América do Sul.

---

<sup>1</sup> “as vozes e corpos de outros rebeldes não masculinos” (tradução dos autores).

## REFERÊNCIAS

ALMQUIST, Steven M. **Not quite the gabbling of “A thing most brutish”:** **Caliban’s Kiswahili in AiméCésaire’s A Tempest.** Callaloo, vol. 29, nº 2, 2006, p. 587-607.

ARÓSTEGUI, Mely González. **Calibán: una necesaria defensa a nuestra identidad.** Islas, 43 (129), jul.-set. 2001, p. 114-121.

CAMPOS, Sirlei Santos. **Leituras pós-coloniais d’a tempestade: Um breve panorama.** Revista de Ciências Humana V. 01, nº 1, fevereiro/julho 2001, p. 89-96.

CARVALHO, José Jorge de. **O olhar etnográfico e a voz subalterna.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 15, julho 2001, p. 107-147.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La poscolonialidad explicada a los niños.** Bogotá – Colômbia: Vigra de letras. Editorial Universidad del Cauca. Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2005.

CHACON, Vamireh. **A grande Ibéria.** São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2005.

FANON, Frantz. **Racismo y cultura.** *Présence Africaine*, Junho-novembro 1956, p. 38 – 52.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **O mito do Caliban na interpretação do Brasil acerca do americanismo na República Velha brasileira.** Diálogos

latino-americanos, nº 11, Universidad de Aarhus, Aarhus, Latino-americanistas, p. 50-71.

FOLLARI, Roberto. **Lo poscolonial no es lo posmoderno: la estetización llevada al paroxismo.** Utopía y Praxis Latinoamericana, año/vol. 10, nº 028. Universidad de Zulia, Maracaibo – Venezuela, janeiro/março 2005, p. 71-82.

GROSGOUEL, Ramon. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008, p. 115-147.

HULME, Peter. **Toward a cultural history of America.** *New West Indian Guide/ Nieuwe West-Indische Gids* 66 (1992), no: 1/2, Leiden, p. 77-81.

KALIL, Luís Guilherme Assis. **Caliban, de escravo a “herói da liberdade”.** *História Unisinos* 11(2), maio/agosto 2007, p. 287-288.

LANE, Christopher. **Psychoanalysis and colonialism redux: Why manoni’s “Prospero Complex” Still Haunts Us.** *Journal of Modern Literature*, vol. 25, nº 3/4, 2002, p. 127-149.

LARA, Irene. **Beyond Caliban’s curses: the decolonial feminist literacy of Sycorax.** *Journal of International Women’s Studies* Vol. 9 nº 1 Nov. 2007, p. 80-98.

LIE, Nadia. **Translation studies and the other cannibal: On the english version of Fernández Retamar’s Calibán.** In: BURNETT, Paula (Org.). *Translation, Transcreation.* EnterText: an interdisciplinary humanities e-journal. Vol. 2 nº 2 julho/setembro 2003, p. 39-50.

MEDEIROS, Carlos Túlio da Silva. **Da Tempestade de Shakespeare ao Ariel de Rodó.** In: CHIAPPINI, Lígia (Org.). *Encontros e desencontros da/na América Latina no século XX.* Revista eletrônica Celpcyro: integração multidisciplinar temática, vol. 2, segundo semestre 2011.

MIGNOLO, Walter D. **El pensamiento decolonial: desprendimiento e apertura.** In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.* Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central,

---

Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-46.

\_\_\_\_\_. **The dark side of western modernity: Global futures, decolonial options.** Carolina do Norte: Duke University Press, 2011.

MONTEIRO, Pedro Meira. **A paixão latino-americana: Richard Morse.** In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 352-363.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: EDGARDO LANDER (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* Colección Sur Sur, Clacso, Buenos Aires – Argentina, setembro 2005. p. 227 – 278.

RETAMAR, Roberto F. **Todo Caliban.** Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre próspero e caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade.** In: \_\_\_\_\_. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política.* São Paulo: Cortez, 2006. Capítulo 7, p. 227 – 276. (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

\_\_\_\_\_. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologia do Sul.* São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

VAUGHAN, Aiden T. & VAUGHAN, Virginia Mason. **Shakespeare's Caliban: a cultural history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991. 290p.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O albatroz racista: a ciência social, Jörg Haider e a resistência.** Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 56, fev. 2000, p. 05-33.